

Apresentação*

Com a décima edição de *Pandaemonium Germanicum*, a revista completa sua primeira década, o que, em tempos de rasantes transformações, dá ensejo a uma breve retrospectiva. O primeiro número teve como editores Hardarik Blühdorn, João Azenha Junior, Masa Nomura e Selma M. Meireles; conforme consta do prefácio, o título se reporta, intencionalmente carregado de auto-ironia, ao fragmento de mesmo nome de J. M. R. Lenz e deveria sinalizar que a revista está programaticamente “aberta às mais diferentes manifestações sem advogar autoridade”. Hardarik Blühdorn (àquela época leitor do DAAD junto à Universidade de São Paulo) foi certamente em grande parte responsável pelo surgimento desta publicação da *Área de Alemão* do *Departamento de Letras Modernas*, à qual pertencia a totalidade dos autores. O conteúdo consistiu principalmente das palestras proferidas durante os seminários sobre língua e literatura alemã e tradução, dando continuidade à tradição dos *Cadernos*, os quais, no entanto, foram publicados a intervalos irregulares, não sendo registrados como uma publicação oficial. Nos anos que se seguiram, autores de outras universidades brasileiras reconheceram o valor deste fórum e, com o passar do tempo, diversas contribuições da Europa e Américas do Norte e Latina somaram-se à revista, que se desenvolveu com pequenas modificações: através da iniciativa dos editores à época, Eva Glenk e Ulrich Beil, o número 5 teve seu subtítulo modificado para *Revista de estudos germanísticos* ao invés de *germânicos* e ganhou a capa atual. A comissão editorial foi modificada a cada ano, mantendo-se, contudo, nas mãos da *Área de Alemão* da USP, cujos colegas investiram uma não pequena parcela de seu tempo e trabalho, bem como de meios financeiros, para possibilitar a sua manutenção. Tal esforço foi reconhecido tam-

* Tradução de Selma M. Meireles.

bém institucionalmente, quando *Pandaemonium* recebeu a avaliação de Periódico A no *Qualis Nacional* da CAPES. Atualmente, a maior dificuldade da revista é provavelmente sua pequena divulgação: apenas algumas bibliotecas no Brasil e no mundo recebem-na regularmente e sua disponibilidade nas livrarias fora de São Paulo é muito restrita. Em razão da divulgação relativamente pequena e de considerações financeiras, talvez a revista venha a ser transformada em uma publicação *on-line*.

Este número começa com uma homenagem a Ruth Röhl, falecida em dezembro de 2005, por muitos anos professora de literatura alemã junto à Área de Alemão da Universidade de São Paulo. Eloá di Pierro HEISE e João AZENHA JUNIOR relembram a saudosa colega através de um breve esboço sobre sua produtiva carreira universitária. Sua última obra inacabada, sobre a literatura da República Democrática Alemã, é apresentada por seu orientando Bernhard SCHWARZ, que assumiu a edição e completará a publicação.

O dossiê literário do número 10 é dedicado – assim como a *Semana de Literatura Alemã 2005* na USP – ao tema dos ganhadores de língua alemã do Prêmio Nobel de literatura. Os artigos deveriam confrontar não só a questão de quais escritores foram agraciados com este prêmio internacional, mas também o problema dos prêmios “perdidos”: o fato de que, por exemplo, Franz Kafka, Bertolt Brecht e Paul Celan, que hoje em dia representam a literatura de língua alemã em nível mundial, nunca receberam o prêmio. Tratava-se, portanto, de questões sobre a canonicidade, a recepção e a relevância social da literatura, conforme manifestas na instituição sueca e na atribuição anual do prêmio. Ao mesmo tempo, porém, deveria apresentar uma oportunidade para aproximar do público brasileiro autores cuja obra foi significativa o bastante para receberem a honraria, mas que, por diversos motivos, caíram no esquecimento. Infelizmente, o tema não alcançou a ressonância necessária para que o dossiê fosse completado com o alcance planejado originariamente. Isto pode ser relevado em casos como os de Theodor Mommsen, Walter Eucken e Paul Heyse, mas também não houve contribuições sobre autores premiados que hoje ocupam posições centrais na literatura alemã, como Gerhart Hauptmann, Thomas Mann, Hermann Hesse e Heinrich Böll. Também Elfriede Jelinek não está representada nes-

te dossiê; entretanto, o último número de *Pandaemonium* traz um artigo sobre esta famosa dramaturga austríaca, o qual, no entanto, não aborda à questão do Prêmio Nobel. – O primeiro artigo do dossiê ocupa-se de Carl Spitteler, um dos autores suíços mais importantes do início do século XX, que recebeu o prêmio após a 1ª. Guerra Mundial e, apesar da reconhecida importância de sua obra, foi pouco lido e pesquisado. Isabel HERNÁNDEZ (Madri) delinea em sua contribuição a vida de Spitteler, apresentando suas principais obras e sua temática central: o indivíduo fora do comum, o desajustado e seu relacionamento conflituoso com a sociedade. Análise psicológica, crítica social e uma vivência claustrofóbica da Suíça são, segundo Hernández, as constantes que ligam a obra de Spitteler à literatura suíça mais recente. – Celeste RIBEIRO DE SOUSA (São Paulo) persegue a questão de se, além de sua morte prematura, haveria outros motivos substanciais para o fato de Kafka não ter recebido o prêmio, vendo-os inclusive tanto em sua política de publicações como na estética específica de suas narrativas. – Em seu artigo sobre Nelly Sachs, Helmut GALLE (São Paulo) apresenta um esboço sobre a vida e a obra desta poeta judia emigrada para a Suécia, cuja lírica se defronta com a experiência da destruição. Seu reconhecimento através da Academia de Estocolmo é entendida como homenagem a uma literatura especificamente judia, que se utiliza da língua alemã por circunstâncias históricas. – A obra de Paul Celan poderia ser apreciada nos dias de hoje pelos mesmos motivos que a de Nelly Sachs, já que parte dos mesmos pressupostos históricos e chega a uma linguagem igualmente hermética. Juliana P. PEREZ (Rio de Janeiro) analisa em seu artigo o poema “Zürich zum Storchen”, lido normalmente como homenagem e marca da diversidade religiosa por parte de Celan. Ao posicionar o poema no contexto da reflexão poetológica do autor, Perez chega a uma nova interpretação, com ênfase na “presença humana”. – Irene ARON (São Paulo) analisa em seu artigo a problemática básica dos autores judeus do século XX, para os quais a língua alemã constituiu-se em uma espécie de pátria ao mesmo tempo substituta e antagônica. Aron junta aos dois autores aqui já mencionados também Rose Ausländer, Erich Klemperer, Ruth Klüger e Elias Canetti. Este último recebeu o Prêmio Nobel em 1981 mais como cosmopolita do que como representante de uma cultura ou mesmo nação específica. – Günter Grass, pelo contrário, pode ter sido honrado, ao final do século devastado pelos alemães, exatamente por ter-se tornado, com seus

romances como “O Tambor” (*Die Blechtrommel*), o expoente de uma regeneração intelectual e literária dos alemães após a 2ª Guerra. Marcus MAZZARI (São Paulo) apresenta em sua contribuição principalmente esta realização de Grass e sua posição na vida pública alemã, sem deixar de aludir à mais recente correção à autobiografia do autor.

Além do dossiê, *Pandaemonium* apresenta nesta edição mais três trabalhos sobre literatura. – Michael JAEGER (Berlin) propõe em sua contribuição uma correção da imagem na crítica, até o momento positiva, da figura de Fausto. O espírito mefistofélico de negação que leva Fausto a repudiar as instituições é, de acordo com Jaeger, o traço principal da modernidade, funesto e destrutivo. Ao invés de confirmá-lo e admirá-lo, seria preciso levar a sério a própria diagnose de Goethe no *Fausto* e contrapor ao espírito da época a força mantenedora da religião ou da arte reflexiva. – Luis Sérgio KRAUSZ (São Paulo) evoca em seu artigo sobre Karl Dessauer o mundo do final do século em Viena. Os romances do autor judeu, hoje em grande parte esquecidos, retratam tanto as condições específicas de assimilação na burguesia austríaca como também os indícios da posterior perseguição sob Karl Lueger. – A vida de um exilado judeu-alemão no Brasil é focalizada pelo artigo de Reinhard ANDRESS (Saint Louis). O destino do comerciante com ambições literárias Karl Lieblich entre a América e a Europa, suas tentativas literárias e ensaísticas são aqui minuciosamente delineadas e representadas plasticamente, a partir de material de arquivo.

Suzana Campos de A. MELLO (São Paulo) apresenta o relato de sua pesquisa sobre a prática de encenação na Alemanha e no Brasil. No âmbito do estudo, são primeiramente definidos os conceitos “experimental” e “convencional”, bem como critérios de sua realização no palco. A partir de uma análise comparativa de críticas teatrais, Susana Mello apresenta declarações quantitativas e qualitativas sobre a prática divergente na Alemanha e no Brasil.

No âmbito dos *Estudos da linguagem*, encontram-se quatro artigos neste décimo volume de *Pandaemonium*. Este número nos alegra, embora seja necessário ressaltar que o tema sugerido no último volume, *Linguística e Alemão como Língua Estrangeira*, obteve muito pouca repercussão. – A contri-

buição de Hardarik BLÜHDORN (Mannheim) ocupa-se com a questão das qualidades sintáticas e semânticas dos meios lexicais que geram a coerência causal em textos (preposições, conjunções, advérbios), e a partir de quais informações lingüísticas os falantes alemães distinguem entre diversas leituras possíveis desses conectores causais. Como a interpretação correta da coerência causal constitui uma das premissas mais importantes para a compreensão de textos, o artigo abriga também uma grande riqueza de informações para professores e aprendizes de alemão como língua estrangeira. – Thomas JOHNEN (Campinas) ocupa-se em seu artigo com a formação da categoria dos verbos modais, tão importante para as línguas germânicas, um interessante tema da gramaticografia histórica do alemão. Nele, Johnen nos leva através de cinco séculos de uma bibliografia que pode se considerar exaustiva, apresentando e comentando perspectivas dos gramáticos de cada época. – Os outros dois artigos referentes à *Lingüística* unem a investigação científica da língua alemã com temas especificamente brasileiros. Karen PUPP SPINASSÉ (Porto Alegre) examina a influência da língua materna português/*bunsrückisch* e de outras, uma segunda língua ou língua estrangeira, na aprendizagem formal do alemão padrão no Brasil. A autora une a análise de dados empíricos com a apresentação de teorias relevantes no âmbito das pesquisas sobre bilingüismo e aquisição de línguas. – Kathrin SCHWEIGER (São Paulo) analisa a competência narrativa em alemão de um par de irmãos brasileiros bilíngües que vivem na Alemanha. Também aqui estão presentes questões da aquisição de línguas, embora o foco não sejam os temas da lingüística clássica, fonética/pronúncia, léxico, morfologia e sintaxe, mas sim a questão da pragmática funcional da narração.

No âmbito da *Tradução* há, desta vez, apenas uma contribuição. Stephan BAUMGÄRTEL (Itacorubi) investiga as estratégias utilizadas por Thomas Brasch em sua tradução de *As you like it* de Shakespeare. Baumgärtel entende tradução como uma ação cultural, a qual é guiada, em grande parte, menos por meros critérios de semelhança do que pelas crenças políticas do tradutor.

*

Caso deseje enviar um artigo (em alemão, português, inglês ou espanhol) sobre questões da cultura, literatura, lingüística, tradução (de língua) alemã, pedimos que observe o **prazo final de 30 de abril de 2007**, bem como as especificações para o manuscrito e sua formatação ao final desta edição.

Nossos agradecimentos aos autores que disponibilizaram seus textos, aos pareceristas e revisores, os quais contribuíram para a realização de mais uma edição de *Pandaemonium Germanicum*. Como responsáveis pela redação, assinam

Göz Kaufmann e Helmut Galle
São Paulo, dezembro de 2006